Revista Macambira

O “quarto” de Carolina Maria de Jesus: encontros e existências negras (des)afirmadas

Ana Maria Anunciação da Silva[1]*, Antonio José de Souza[2]

RESUMO

Este trabalho é a imbricação de narrativas e pensamentos singulares respigados por semelhanças. Uma exposição assumida e partilhada. Escrita que advém do silêncio para depois se tornar algo conversado entre o corriqueiro na disposição da ação individual e conjunta. Aqui, desenrolam-se as palavras da mulher negra da/na roça e do homem negro e gay; palavras em conversação amplificadas no além-quarto de proteção. O texto é a narrativa do vivido na percepção de existências (des)afirmadas, portanto, uma autoetnografia (o método), objetivando a vocalização do eu-nós enclausurado(s) no “quarto” subjetivo. Trata-se de um artigo atípico no formato, posto que tem duas importantes divisões, marcadas pela fala. Primeiro a fala dela (a mulher negra da/na roça), modelando a casa de-si, pisando e formando os sentidos e as próprias estruturas do “quarto” artesanal em ligação com a natureza, a terra e a ancestralidade. Depois a fala dele (o homem negro e gay) desvelando suas diferenças no abafadiço asfixiante do “quarto” para depois alcançar a vastidão de-si. Entre Ela e Ele existe a escritora Carolina Maria de Jesus; elo atemporal de vidas negras que se afirmam na sua literatura de carne, osso, pele, cor negra e poética consciente das experiências estigmatizantes. É um texto simples sobre existências (des)afirmadas, calcado nas lutas objetivas e subjetivas entre racismos, homofobias, machismos e preconceitos. Reflexão das experiências sufocantes e amedrontadoras do passado-presente vivido no “quarto”. Supondo que toda pessoa tem um “quarto”, a(o)s autora(e)s apontam para a beleza de ter uma “janela”, preferencialmente, escancarada.

Palavras-chave: Gênero. Raça. Homossexualidade. Literatura.

Carolina Maria de Jesus’ “room”: encounters and (dis)affirmed black existences

ABSTRACT

This work is an interweaving of singular narratives and thoughts gleaned through similarities. An assumed and shared exposition. Writing that emerges from silence and then becomes a conversation between the arrangement of individual and collective action. Here, the words of the black woman from/in the countryside and the black gay man unfold; words in conversation amplified beyond the protective room. The text is the narrative of the lived experiences perceived through the lens of (dis)affirmed existences, therefore, an autoethnography (the method), aiming at the vocalization of the I-we enclosed in the subjective “room”. This article is atypical in format, since it has two important divisions, marked by voice. First, her voice (the black woman from/in the countryside), shaping the house of-self, stepping on and forming the meanings and the very structures of the artisanal “room” in connection with nature, the land and ancestry. Then comes his voice (the black and gay man) revealing his differences within the oppression of the “room” and then reaching the vastness of himself. Between Her and Him is the writer Carolina Maria de Jesus; a timeless link of black lives that assert themselves in her literature of flesh, bone, skin, blackness, and poetry consciously aware of stigmatizing experiences. It is a simple text about (dis)affirmed existences, based on the objective and subjective struggles between racism, homophobia, machismo and prejudice. A reflection of the suffocating and frightening experiences of the past-present lived in

[1] Pedagoga/Assistente Social. Doutoranda em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano/Campus Serrinha). Professora da Educação Básica do município de Ichu/BA. Integra o Grupo de Pesquisa Formação, Experiência, Linguagens (FEL/UNEB). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8134-6737. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9911059134968311. *Autora correspondente: silvannaeducampo@gmail.com.

[2] Teólogo/Historiador. Pesquisador de Pós-Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutor em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) – com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Professor da Educação Básica do município de Itiúba, Bahia, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3416-5527. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8851704661928575.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

the “room”. Assuming that every person has a “room”, the authors point to the beauty of having a “window”, preferably wide open.
Key words: Gender. Race. Homosexuality. Literature.

La “habitación” de Carolina Maria de Jesus: encuentros y existencias negras (des)afirmadas

RESUMEN

Este trabajo es el entrelazamiento de narrativas y pensamientos singulares salpicados de similitudes. Una exposición asumida y compartida. Escritura que surge del silencio y luego se convierte en algo de lo que comúnmente se habla en la disposición de la acción individual y conjunta. Aquí se desarrollan las palabras de la mujer negra de/en la granja y del hombre negro y gay; las palabras de la conversación se amplificaron en la habitación más allá de la protección. El texto es la narración de lo que se experimenta en la percepción de existencias (no)afirmadas, por lo tanto, una autoetnografía (el método), que apunta a vocalizar el yo-nosotros encerrado en la “habitación” subjetiva. Se trata de un artículo atípico en su formato, ya que tiene dos divisiones importantes, marcadas por el discurso. Primero, su discurso (la mujer negra de/en la finca), modelando su casa, pisando y formando los significados y estructuras del “cuarto” artesanal en conexión con la naturaleza, la tierra y la ascendencia. Luego su discurso (el hombre negro, gay) revela sus diferencias en la sofocante congestión de la “habitación” y luego alcanza la inmensidad de sí mismo. Entre Ella y Él está la escritora Carolina Maria de Jesus; vínculo atemporal de vidas negras que se afirman en su literatura de carne, hueso, piel, color negro y poéticas conscientes de las experiencias estigmatizantes. Es un texto sencillo sobre existencias (no) afirmadas, basado en luchas objetivas y subjetivas entre racismo, homofobia, machismo y prejuicio. Reflejo de las asfixiantes y aterradoras experiencias pasado-presente vividas en la “habitación”. Suponiendo que todos tengan una “habitación”, los autores destacan la belleza de tener una “ventana”, preferiblemente abierta de par en par.
Palabras clave: Género, Raza, Homosexualidad, Literatura.

EXPOSIÇÃO INICIAL

Esse (re)encontro de existências permitiu a imbricação das narrativas e pensamentos singulares, mas respigados por semelhanças. Uma exposição assumida, bem como uma exposição partilhada. Escrita que advém do silêncio para depois se tornar algo conversado entre o corriqueiro. Assim, na disposição da ação individual e conjunta, fomos tecendo – como se faz às ‘cinco horas’ nos avarandados e terreiros da roça, isto é: às ‘cinco horas’ acontece a ação de conversar sem o combinado e sem a cobrança, respeitando os limites do tempo e os assuntos de-si e dos-outros, enquanto a ‘boca da noite’[3] engole o dia no pretume de não ver nada ou quase nada.

Aqui, desenrolam-se as palavras da mulher negra da/na roça e do homem negro e gay; palavras em conversação que não pensaríamos expor no além-paredes de proteção. Então, o texto é a narrativa do vivido na percepção de existências (des)afirmadas, pois, ao habitar o “quarto”, não estávamos nos habitando em certa medida; é, seguramente, a tessitura do eu-nós enclausurado(s) no “quarto”, almejando ser pessoa(s) entre pessoa(s), portanto, uma autoetnografia; o método, uma “[...] abordagem que reconhece e envolve a subjetividade, a emotividade e a perspectiva do pesquisador sobre a investigação. Além disso, ela ajuda o

[3] ‘Boca da noite’, expressão que diz sobre a faixa de transição do dia para a noite, quer dizer: à tardinha com pouca luz e a claridade esvanecendo.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

entendimento das principais questões investigadas (questão racial e estudos de gênero [...])" (Santos, 2017, p. 224).

Ela (a mulher negra da/na roça) foi se fazendo pelo barro massapê, modelando a casa de-si, pisando e formando os sentidos e as próprias estruturas do "quarto" artesanal em ligação com a natureza, a terra e a ancestralidade. Ele (o homem negro e gay) foi desvelando o menino, o homem e suas diferenças no abafadiço asfixiante do "quarto"; o absurdo da negação de-si, transformado na fissura interior e, depois, na possibilidade de enfrentar a vastidão do ser. Entre Ela e Ele: Carolina Maria de Jesus; mulher, negra, mãe, catadora de papel e o elo atemporal de vidas negras que se afirmam na sua literatura de carne, osso, pele, cor negra... poética de uma consciência racial em terras de experiências estigmatizantes.

É, por assim dizer, um texto sobre existências (des)afirmadas, calcado nas lutas objetivas e subjetivas entre racismos, homofobias, machismos e preconceitos. Assim, acionamos os sentidos, para refletir, pela autoetnografia, as experiências sufocantes e amedrontadoras do passado-presente vivido no "quarto". Supondo que toda pessoa tem um "quarto", apontamos para a beleza de ter uma "janela", preferencialmente, escancarada.

PARTE I
ROÇA E FAVELA EM DIÁLOGO: MULHERES NEGRAS
Por Negra da Roça

> "A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que se encerra. E nós [...] sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é minha pele. Preto é o lugar onde eu moro" (Jesus, 2014, p. 167).

Acabei de reler o livro *Quarto de Despejo*: *diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Envolvida por sua narrativa poética e emocionada com as cenas do seu cotidiano retratado através de uma narrativa lírica, sinto-me impulsionada a escrever sobre a minha vida na roça que, indubitavelmente, entrelaça-se à vida de Carolina Maria... assim, acendo a luz do meu espaço interior, vou à memória do vivido "[...] não mais deitei. Fiquei escrevendo até o raiar do dia" (Jesus, 2014, p. 165-166); porque, vou me dando conta das nossas imbricações, da realidade dura e pela busca incessante por superação das desigualdades.

Esclareço que essa conversa não ocorreu literalmente, mas se estabeleceu como imbricação, expandindo uma consciência racial e subjetiva, florescida em circunstâncias úmidas e áridas; identificações que ainda ocorrem em corpos ausentes de ideais socialmente aceitáveis.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

Somos duas mulheres negras: eu-da-roça, ela-da-favela; nós-sitiadas-no-mundo, “catando” ante às possibilidades (Souza, 2023). Escrever, percebo, foi a forma encontrada para alimentar corpo-alma e atenuar os desafios impostos por nossa condição social, de raça e gênero.

Extasiada pela semelhança tamanha de nossas vivências, dava-me conta do raiar do dia com o clarão do romper da aurora. Raios de luz invadiam as frestas da janela esburacada, assentava-me no colchão artesanal, formados, tal uma colcha de retalhos, por sacos de panos costurados um no outro e cheio por folhagens das árvores da caatinga que eu mesma catei. Levantava e ia atender ao chamado de minha mãe; dela um convite terno para tomar o “[...] café simples [...] com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me” (Jesus, 2014, p. 12). Saía no terreiro, olhava o céu, percebia os sinais do tempo e fazia súplicas.

Pegar água, uma das primeiras atividades do dia. Chegava à fonte com a lata e a cuia[4] feita de cabaça. Permanecia reflexiva, enquanto esperava a minha vez na fila do panhador[5]. Na fonte, me juntava às outras meninas e mulheres negras, dirigia-me, timidamente, às mais velhas e pedia a bênção. Chegava a minha vez. Enchia com cuidado a lata d’água para não “brungunzá” o panhador, como meu interior, enchia a lata com a cuia e seguia para casa. Voltava outras vezes. Fazendo e refazendo a romaria por incontáveis momentos até abastecer os potes da casa com a quantidade de água suficiente para suprir as necessidades daquele dia.

Ecoa na minha memória que na manhã seguinte “[...] peguei meu saco de catar [...], o saco que para mim tem um valor inestimável, porque é por seu intermédio que eu ganho o pão de cada dia” (Jesus, 2014, p. 165). Como todos os dias, aquele era mais um em busca da sobrevivência e, talvez por isso, eu tenha trabalhado “[...] apreensiva e agitada. A minha cabeça [começava] a doer” (Jesus, 2014, p. 19). Após ter encontrado coquinho de ouricuri maduros e secos, regressava à casa.

Em casa, no terreiro, procurava folhas de árvores mais largas, e com um graveto fino, começava a grafar as palavras que não tinha coragem de dizer. Ao rememorar e escrever o cotidiano desafiante de ser mulher negra da/na roça e no mundo, sou tomada por um engasgo, dou-me conta de que quando “[...] nervosa [...] Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (Jesus, 2014, p. 22). Escrever é uma forma de abrir o aió das lembranças e das inquietudes. Aliás, deixe eu explicar: aió é uma sacola típica do Sertão Nordestino, produzida a partir dos fios da planta macambira que, após secagem ao sol, é utilizada para armazenar as frutas catadas do chão da caatinga, do roçado ou da pesca (Silva,

[4] Trata-se de um objeto que serve como vasilhame para pegar água na fonte, jogar água no corpo (durante o banho) e ainda como unidade de medida para sementes, farinha e água.
[5] Espaço feito na fonte para pegar água e de onde se retira a planta aquática golfo utilizada como filtro biológico para a purificação e clarificação das águas nos barreiros.

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

2023). Escrever sobre o quarto, por exemplo, me faz forte. Escrevo como acalento para mim mesma e para outras existências (des)afirmadas. Escrevo para registar o sonhar... eu sonhei, realizei e continuo sonhando com tantas coisas, inclusive, com a possibilidade de continuar a escrever.

No dia seguinte, ia "[...] catar qualquer coisa" (Jesus, 2014, p. 28). Ao ser encorajada a narrar o cotidiano na roça, ao ler os escritos de Carolina Maria de Jesus, encontro uma mulher negra que, também, catava numa dança quase coreografada sob o sol ardente, que reiteradas vezes descia e catava, levantava o seu corpo negro, feminino, cansado e reluzente.

Percebi, nossos olhares se encontraram. Lançamos, simultaneamente, uma para a outra, o psicossocial de outras existências, no meu primeiro contato com ela, dei um riso tímido de canto de boca; depois, aos poucos, fomos nos aproximando. Senti-me como se estivesse com o feixe de lenha pronto e alguns peixes enfileirados num gancho de madeira, e essa sensação opto por apenas sentir, sem aqui descrevê-la detalhadamente. Digo que, feliz, ia chegar em casa com alguma coisa para ajudar no sustento daquele dia.

Carolina com sua escrita, parecia me dizer com sorriso acabrunhado: "... Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco [...]. Comemos a carne e guardei os ossos. [...] Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome, eles não são exigentes no paladar" (Jesus, 2014, p. 30). As palavras de Carolina fizeram-me lembrar de uma coisa que não queria, porque doía e dói, ressoa numa coletividade. Suas palavras reverberantes me assentaram sobre ausências. Lágrimas percorrem meu rosto. Carolina, se entendia (des)afirmada, logo, sua escrita me proporcionara desconfortos, permitindo sair do 'quarto'.

Após alguns dias de respiros profundos e olhar distante, resolvi romper o silêncio. Confessar que meu pai saia todas as segundas-feiras, ainda na madrugada, para a feira na cidade. Esses dias eram os mais difíceis lá em casa (acredito que, também, para muitas famílias na roça), porque eram dias de competição, para mim, a 'ficha caía e recaía'; ainda menina, eu já me dava conta de ser um corpo, numa família imersa na dolorosa desigualdade social, racial, geográfica e de gênero. Explico: era preciso chegar cedinho para conseguir alguma parte do boi, e mesmo assim, às vezes, ele não conseguia nada... nem cabeça, nem fato (as vísceras do boi), nem ossada e, tampouco, o mocotó, partes disputadas, por serem mais baratas, e almejadas por nós, pessoas negras, pobres e sem poder aquisitivo. Lembro-me de pai relatar o cotidiano da feira na cidade: quem conseguia os cortes mais caros, macios, não precisava chegar cedo, pois, para tais pessoas, essas partes estavam reservadas, sem uma comunicação prévia; por se tratar de uma estrutura colonial, a esses estaria o merecimento da atenção e de lugares. Por outro lado, nós, a mulher negra, herdamos um processo de

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

criatividade e reinvenção, o tempero do quintal, os quitutes; eu não tenho dúvidas de que, por nossa perspicácia criativa, nossa comida se tornara mais saborosa. Contudo, reflito que a divisão de um boi é muito injusta, diz muito da nossa condição social e racial.

Conto-lhes que a espera pela chegada do meu pai, nessas segundas-feiras, sempre me deixa angustiada, pois era o dia que definia o nosso “catar” e ditava as regras do restante da semana. Não é fácil quando o sol do meio-dia reina afogueado no cume celeste e a panela d’água ferve na expectativa vazia do cozido futuro (Silva; Souza, 2022).

– Sinto que me aproximo ao pensar de Carolina, no sentido de não se maldizer, entristecer. Afinal, as partes do boi disputadas, cabeça, vísceras e mocotó, certamente, chegaram à casa de alguma família tão carente quanto a nossa. Então, entrava em cena o processo de resiliência de gênero, familiar, subjetivo, racial e geográfico, e que ainda existe.

Na desventura de não ter conseguido uma parte do boi, fazíamos, no seu lugar, um molho, do qual tenho uma memória afetiva, e sei prepará-lo. Ele é feito com feijão machucado, sal, pimenta malagueta, ovo cozido e coentro picado. Ia ao quintal, caminhava rezando, em direção ao ninho da galinha pedrês. Esperava encontrar pelo menos um ovo, e se tivesse um, a gente dividia e alimentava a todos que daquele momento fizessem parte. E, quando encontrava fartura de ovo, voltava contente. Colova-os no cozimento, em seguida, amassava o feijão no machucador[6]. Retornava ao quintal. Colhia o coentro. Lavava, cortava, espremia uma pimenta malagueta. Pronto! É só pôr o sal e o molho ficava pronto.

Criava um sabor, cheiro. Acredito que dessa receita os filhos de Carolina iriam gostar!

Na infância, mãe nos organizava em ciranda. Sentávamos na cozinha de chão batido e telhado baixo, partilhávamos o alimento, o silêncio, o ritual que, por vezes, acontecia sob a folhagem do pé de cajá, sentados na esteira. Depois descansávamos uns minutinhos, amarrando fitas coloridas com laço e nó para compor um tapete, enfeitando a entrada da nossa casa. Faltava-nos muitas coisas, mas transbordava a boa vontade para receber as visitas no fim da tarde e partilhar o pouco que tínhamos... uma maneira de viver singular.

Quando caía a boca da noite, Tio Tito sempre nos visitava. Vinha cheio de causos engraçados, mirabolantes e penosos até. Eu o esperava com expectativa por suas histórias... ele nos falava das andarilhanças pelo Sertão, do labor nas terras alheias, sol escaldante e da relação que mantinha com o dono da terra, apesar de empregado, como se fosse alguém da família. Tio Tito talvez nunca tenha refletido que ser tratado com respeito era um direito seu.

[6] Peça de madeira e zinco, apregoada, que fazia a função de liquidificador, proporcionava render o feijão para dar para alimentar todo mundo, nos proporcionava também o suco de maracujá do mato, fruta encontrada na caatinga, e do tamarindo que eu catava no quintal de vovó.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

Tio Tito falava, com gosto, do tempo gasto para cumprir a empreita, e ainda dizia que saia no lucro! O lucro para ele não era o ganho do dinheiro em si, mas ter conseguido terminar o trabalho antes dos dias previstos. A empreita é quando se 'destocava pastagens' no bico do picarete, objeto pesado por si só. Ele contava que havia começado a trabalhar ainda menino. Falava das temporadas em que migrava para os municípios circunvizinhos e das dificuldades que encontrava por lá; como conseguir alimento, lugar para dormir, entre outras.

Ficava reflexiva quando escutava as(os) mais velhas(os) contarem sobre a vida e pensava que acabaria como a maioria das mulheres: na "vigilância dos urubus" que tentam bicar a carne salgada que secava na cerca. Era preciso grande criatividade quando meu pai conseguia trazer algo do frigorífico: retalhávamos, salgávamos e colocávamos ao sol! Geralmente, era a minha responsabilidade vigiar, pois os urubus viravam "assaltantes"; roubavam, voavam e nos deixavam na mão, sem ter o que comer. Estava acostumada a tomar conta, inclusive, da plantação para os pássaros não comerem as sementes e o broto das folhas. Haja estratégia "[...] para livrar o plantio, [...] e ajudar na colheita" (Vieira Júnior, 2019, p. 254).

A bem da verdade, eu já tinha o futuro escolar incerto, mas queria realizar o sonho de continuar meus estudos. As existências das mulheres negras, pobres da roça e da favela são feitas de resistências...

Revelar essas coisas para vocês, diz hoje de uma existência reinventada, penso que fui/sou uma Carolina, porque, ao ler seu diário, ao analisar seus contextos, vejo-me em cada página, e para além disso, numa conversa que continua. Eu sei o que é comprar querosene, café e sabão na bodega; seus filhos atravessavam a rua, eu atravessava um caminho escuro, um labirinto estreito, pedregoso, dentro da própria caatinga, por vezes, corria para a noite não me pegar lá dentro. Soube, como Carolina, aqui na roça, educar-me criando e recriando alternativas, tendo por lastreio o contexto geográfico e cultural. Pertenço às duas famílias de agricultoras negras, assim, à medida que ia ganhando estatura, adquiria aprendizagens nas práticas tradicionais. Minhas ancestrais que não tiverem acesso e direito à escolarização, construíram, assim como a autora mencionada, a sobrevivência no labor diário, no viver a "catar"; logo, nossas existências são marcadas por dias difíceis e nos exigem criatividade na sobrevivência. E até hoje é o cotidiano da mulher negra na roça e no Brasil.

Não concordamos em tudo, pois, enquanto Carolina detestava a favela, sempre gostei de aqui habitar, eu amo a roça. Nela aprendo com a transmissão das 'sabenças' ancestrais e vivências próprias do meio rural: bato feijão na vara, piso o milho no pilão, sei tratar as vísceras dos animais, salgar e preparar; fazer cozidos deliciosos, aprendi o tempero de minhas

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

avós – é um rico legado cultural. Relaciono-me com esses saberes e pessoas a todo tempo. Vivo em intensidade as práticas inventadas, observadas, compreendidas, (re)construídas e herdadas para sobreviver. Para mim, viver na roça é ter uma maneira específica de “[...] habitar o mundo [...], além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros. [...] um transbordamento, [...] possibilidade, criação, invenção, acontecimento” (Larrosa, 2021, p. 43).

Reflito o dito por Carolina Maria de Jesus (2014, p.36), “[...] devemos agradecer Deus, ou à Natureza que nos deu as estrelas para adornar o céu, e as flores para adornar os prados e as várzeas e os bosques”. Olho para o lado, enxergo uma flor saindo teimosa entre pedras; olho para o céu e me recordo que todos os dias ele está estrelado e que as estrelas piscam para mim.

No encontro, conversa com ela, imageticamente, arranquei alguns galhos bem folhosos, juntei o ramalhete, construí um guarda-sol... que abranda o sol escaldante na cabeça que não deixou de também trazer frescor ao pensar, refletir sobre o cotidiano da/na roça, de sorrir e me lembrar de quando eu ia à bodega buscar pequenas porções do que faltava em casa. O querosene para o candeeiro, o pedaço do sabão, por exemplo, que ao chegar em casa, era repartido em fatias menores; precisava durar o máximo possível. Se Carolina lavava roupas no rio, eu lavava na fonte; disputava pela água no ritual de acordar cedo, muitas vezes fraca e desanimada. Tinha dureza, mas percebíamos a beleza também: os encontros no fim de tarde regados ao café pisado no pilão, a organização familiar para receber as visitas... tamboretes espalhados e bancos de madeira em círculo, esteiras... e a lua no negrume céu, cheia e branca e insone. Durante o dia, catávamos o ouricuri, o balaio voltava cheio nas nossas cabeças. Trazíamos cachos verdes nas mãos que cozidos davam sustança ao corpo e à prosa; reunidos, tomávamos café com cuscuz, mugunzá e ouricuri.

Nas noites especiais de luar, as mais velhas contavam causos e estórias e eu brincava junto às outras crianças. Brincava de esconde-esconde até a hora permitida, pois não podia dormir tarde, já que, noutro dia, tinha que novamente catar, caçar ou pescar. Em todo o amanhecer, eu ia de lugar a lugar, sem reclamar; restava-me a luta. A obediência aos meus pais era o que me restava no final.

Eu temia a migração! Esse fenômeno de ‘deslocamento’ era tão comum e naturalizado naqueles dias. A menina, ao ficar ‘mocinha’, pensava em sair da roça. Mas eu guardava o desejo de permanecer em minha terra e, assim, continuar estudando para fazer-me professora. Queria escrever. Hoje eu escrevo e vivo no meu SERtão...

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

Escutava mulheres que migraram falarem das suas dificuldades na cidade grande; reconheci muitas delas, ao ler os escritos da autora. Construí com outras existências (des)afirmadas, um projeto de vida, 'um futuro', presente, debaixo do sol escaldante, resistindo à falta de contextualização[7] na escola. Existe outra semelhança entre nós: o envolvimento com a comunidade, o viver de forma cooperativa com a vizinhança e na resolução dos desafios cotidianos. Para além disso, assim como Carolina Maria de Jesus, também não me rendi, e não quero me render, ao patriarcado; não me encaixo no modelo esperado de dona-de-casa-esposa-subserviente. Por isso, ia à escola, mesmo com os pés cheios de espinhos e cansada do ziguezaguear pelos caminhos do plantio, da capina e colheita. Todos os dias, após o catar, retirava os espinhos de jurema, carrapicho e outras que entravam inadvertidamente no chinelo desgastado, e seguia para a escola.

Retirar espinhos do chinelo e dos pés fazia parte da cotidianidade. Aprendi a retirar um espinho com outro, uma 'sabença' ancestral, proeza. Então, com um espinho maior, por exemplo: de mandacaru, laranjeira ou limoeiro, eu retirava os espinhos de palma, da melancia da praia, do carrapicho e de jurema, que é o mais ardiloso. Quando não saía, buscava ajuda nos outros rituais: folha de pimenta embebida na banha da leitoa virgem ou as rezas – prática que usávamos, e usamos, para quase tudo, a fé nos valia, e vale, em todo momento e toda circunstância.

Ao chegar da lida, eu tomava banho, esfregando-me bem com a bucha vegetal; pegava uma blusa limpa, engomada no ferro à brasa – brasa feita da lenha que catava, e cato, aquecia, e aquece, a casa. Depois, com o meu frondoso cabelo trançado e o corpo limpo de água e sabão, eu percorria o habitual caminho à escola.

Quando os meus cabelos eram trançados, rompia o silêncio em súplicas reclamando um penteado diferente. Queria evitar o escárnio na escola. Já tinha dor nos ouvidos e na alma pelo que escutava... zombaria, deboche, ira por conta dos meus cabelos. Amar o próprio cabelo tem sido um processo que muitas das nossas irmãs levaram, e levam, tempo para conseguir.

Hoje, apesar da dureza da vida, "[...] todas as manhãs eu canto. Sou como aves, que cantam [...] ao amanhecer. De manhã [...] a primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço!" (Jesus, 2014, p. 25).

Assim como Carolina Maria de Jesus, os meus dias eram, e são, em quase tudo, uma celebração à vida simples: contemplar o simples da vida, me refrescar com água fresca, dar conta de ser um corpo que resiste ao racismo, perceber a beleza rústica dos meus cabelos.

[7] Contextualização é, aqui, assumida, aproximando-se do conceito da Educação do Campo, ou seja: a inserção das narrativas, experiências, práticas e o vivido pelo(a)s estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

Em tom de despedida, digo que quando escrevi este texto não esperava vê-lo publicizado, nossas histórias de vida convergindo ainda mais, em desfecho ainda mais familiar, assemelhando-se aos brotos que rompem o solo em folhas e caules apontando para o mundo. Escrever é a forma que encontramos para registrar o cotidiano como mulheres negras; maneira visceral para denúncia do racismo e anúncio das nossas (re)existências.

Ressalto o fantástico encontro de existências irmãs. De vozes negras, entrelaçadas nos enfrentamentos às ameaças do escárnio e descrédito... existências que aprenderam a escrever em meio aos obstáculos do vivido. Por fim, reitero: aprendi e aprendo na labuta diária, sob o sol escaldante e calor demasiado que antecipam a chegada das chuvas ou não. Carolina, disse que quando o arco-íris surgia, corria na sua direção, no meu caso, quando menina, "[...] o arco-íris estava sempre se distanciando. [...] sentava. Depois começava a chorar" (Jesus, 2014, p. 54). Nunca imaginei que o arco de cores voltasse, um dia, ainda mais colorido e corporificado em forma de Orixá! Tornando possível escrever este texto, modificá-lo, porque muda a minha localização de corpo na história, na roça e no mundo.

Despeço-me, sem assim fazer da ancestralidade, da memória e da história de outras existências (des)afirmadas, do lugar roça; semelhante a Carolina, sigo o caminho próprio de quem se transformou em comunidade, nos encontros e *continuanças*.

PARTE II

O "QUARTO" DOS DESPEJOS: *GAYNEGRO* SITIADO

Por Negrogay

> "[...] não consigo precisar o momento exato da descoberta fatídica e forçosa, sei que veio pelo 'outro' de forma extemporânea. Penso que esses episódios representam o princípio da minha perplexidade e negação ante a diferença; afinal, a oposição do 'outro' aflora o conflito da identidade [...] sei que, com pouca idade, a vergonha da própria existência começava a me exaurir [...] a alcunha '*viadinho*' me acompanhava [...]. A vergonha costumeiramente vem escoltada pelo ímpeto de esconder-se [no quarto]. Para conseguir tal intento, impõe-se um afastamento, exílio" (Souza, 2021, p. 72-73, grifos do autor)

A epígrafe que nos recepciona, neste subtópico, faz alusão à minha tese de doutorado, intitulada *Tornar-se negrogay: a história de vida de um homem-professor situado e "sitiado"*, defendida no ano de 2022; estudo que se debruçou sobre a identidade negra e gay na relação intrínseca entre o eu-outro situados em um contexto conflagrado no qual se exige do negrogay tomar consciência de-si. Sim, negrogay, escrito na forma de um único termo, porque é

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

unificado por experiências estigmatizantes oriundas do processo de racialização das relações sociais que, quando imbricado com a homofobia, reproduz na contemporaneidade o passado violento de um Brasil ávido por construir o ideário do homem-de-verdade. Aqui, inverterei o termo, isto é: *gaynegro*, posto que a voz narrativa do ser-gay terá maior vocalização (Fanon, 2008; Goffman, 1975; Miskolci, 2012).

Menciono a tese, porque, ali, o "quarto" se tornou mais que um elemento metafórico, como visto na literatura mundial (isto eu demonstrarei mais adiante), quer dizer, o "quarto" foi uma espécie de personagem coadjuvante na história de vida do participante principal do meu estudo (o professor negrogay), mas, também, na minha própria história de vida. Nesse sentido, o "quarto" assume funções outras para além do simples cômodo de uma casa. É mais do que um cenário ambientando a contação de-si. É, ele todo, carregado de simbolismo, traduzindo o mundo interior de quem conta a história.

Dito isso, a partir de agora, vou atravessar algumas obras literárias, à cata dos variados sentidos e explicações para o "quarto", entrecruzando com os sobressaltos ocasionados por minha negritude indiferente, tanto quanto distraída, bem como por minha (homos)sexualidade impronunciável e silenciada no espaço caótico do meu "quarto" interno. Para desdobrar os meandros das minhas diferenças, especialmente o ser-gay, à época, conflitante, usarei Fiódor Dostoiévski (2000), Jean-Paul Sartre (2001), James Baldwin (2018), Adolfo Caminha (2005), Clarice Lispector (2009) e, finalmente, Carolina Maria de Jesus (2014).

Passando o "quarto" em revista

Na epígrafe, eu confidencio uma vergonha sentida na infância, ante uma homossexualidade assustada, esgueirada e ávida por se esconder em autoexílio entre as quatro paredes do meu "quarto" (Souza, 2021). O "quarto" era o meu "subsolo" para aonde eu me dirigia quando a vida entre os 'outros' se tornava insuportável e insalubre; a exemplo do anti-herói de Dostoiévski (1821-1881) o misantropo do subsolo, um personagem sem nome, apenas o homem-do-quarto-térreo, um ser excêntrico que revela nas suas narrativas, em primeira pessoa, o mal-estar diante do 'outro' e, por isto, refugia-se no seu lugar de "labirintos" furtivos, retóricos e literários (Dostoiévski, 2000). A vergonha amedrontada me catapultava ao quarto-subsolo... e é importante ser dito que a minha "[...] vergonha está na base do problema da inferiorização que é algo mais-do-que-forte entre os [...]" gaynegros (Souza, 2021, p. 74).

O "quarto" era a testemunha-chave do meu isolamento quando criança; suas paredes maciças eram muralhas de proteção contra o Mal lá de fora, mas, paradoxalmente, convertia-se, em meu inferno. Na "quietude" das quatro paredes, encontrava-me em má companhia;

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

estava no entre-nós: "Entre nós? [...] Entre assassinos [...] no inferno [...]. No inferno! Condenados! Condenados! [...]" (Sartre, 2001, p. 16-17). Tal o inferno *Entre quatro paredes* (2001) de Jean-Paul Sartre (1905-1980), aludindo o confinamento entre as paredes do olhar condenatório do 'outro', eu desejei – um dia na infância – ter a coragem de matar-me por vergonha e medo.

Conforme fui crescendo, o "quarto" tornou-se algo próximo ao romance de James Baldwin (1924-1987), refiro-me ao *O quarto de Giovanni* lançado em 1956 é, hoje, um clássico gay e obra-prima da literatura americana. Na obra, Baldwin descreve o encontro amoroso, em Paris, entre dois rapazes: David, o americano e Giovanni, o italiano. É sabido que Baldwin transplanta suas experiências pessoais de homem vindo dos arredores de Nova York, negro-e-gay para o livro; elaborando um elucidativo nexo entre masculinidade-pobreza-raça-homossexualidade, mostrando-nos que as identidades não são "lidas" de modo desacompanhado, ao contrário, são sempre compreendidas no seu conjunto de estereótipos – um corpo objetivo e subjetivo, transpassado por poderosas e complexas reproduções das desigualdades (Menezes, 2018). Na história de Baldwin (2018), David é o narrador em primeira pessoa e, em determinados aspectos, lembra-me, principalmente pela voz pronunciada no passado, dizendo: "[...] a única coisa que eu quero é que o David seja um homem quando crescer [...]" (Baldwin, 2018, p. 41). Uma voz que esteve ecoada no meu presente de conflitos internos de quem se pretendia heterossexual no público, à medida que se revelava desajeitadamente homossexual na "escuridão" e reclusão do "quarto", ou seja: uma sexualidade oculta e visível no oculto do "quarto". No segredo daquele cômodo, suspende-se, em situação, a exaustiva elaboração heterossexual para derramar-se em desejos por um igual. Eis a oscilação dramática de "[...] um eu emergente que vive dentro do eu, fazendo-se passar por real, fazendo-se passar por fictício [...]" (Tóibín, 2018, p. 23). Em quase tudo, uma história comum a mim.

Comum também ao *Bom-Crioulo* (2005), o Amaro, de Adolfo Caminha (1867-1897), que, para viver o seu romance com Aleixo, submetiam-se, os dois, à imundície do "quarto" na rua da Misericórdia para chafurdarem na vergonha suportável, apenas, por ser escondida naquele lugar de compaixões duvidosas (Caminha, 2005). A paródia do amor romântico do par formado por dois homens (Amaro e Aleixo) serve para expor a crueza e o viés moralista, condenatório, reproduzindo a homossexualidade como instintivo e animalesco, típico das ficções realista-naturalistas. Por essa razão, a marca vexatória no enredo, renegando a sexualidade de ambos ao lugar do opróbrio, à decadência dos porões do navio ou ao sótão e ao quarto da pensão medíocre. Ali, tinham, os dois, "[...] 'perdido a vergonha'. O pobre

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

quarto era como um lugar de maldições [...]" (Caminha, 2005, p. 63, grifo do autor). A sexualidade homossexual era: ora censurada e escondida, ora animalizada – assim como as características do retinto Amaro, remetendo-o a um bicho de "[...] olhos dardejando fogo, [...] louco, e então era um risco [...] o negro parecia uma fera desencarcerada [...]" (Caminha, 2005, p. 13). A estória corresponde à visão vigente do negro-homossexual durante a mudança do século. Amaro é a corporificação "[...] do negro, do 'maldito' [...]" (Caminha, 2005, p. 64, grifo do autor); a própria "indolência", a "inferioridade" racial, a "degenerescência" e as mazelas da sociedade. É o emblema dos transtornos psiquiátricos, da criminalidade oriunda de uma raça com traços e anatomias bestiais, bem como de uma sexualidade selvagem (Fanon, 2008; Souza, 2018).

A metáfora do "quarto" da bagunça, extraída de *A paixão segundo G.H.* (2009), o livro de Clarice Lispector, acompanhou-me por muito tempo. Aqui, o "quarto" é a própria narradora-personagem, "olhando" para o interior de-si, um interior com muitas "moradas" – ou cômodos se preferir; mas eu realmente acredito que se "reside" de diferentes jeitos em cada repartição doméstica, portanto, muitas "moradas" em uma. O "quarto" recebe, na obra introspectiva, uma especial atenção, porque ele (o "quarto") divergia do resto da 'morada'. Entrar nele era como ter saído de-si, batendo a porta e, em seguida, trancando-a. O "quarto" era diferente do projeto que erguia os demais espaços da "casa" (na verdade, do apartamento). Havia nele uma "bagunça" violenta "[...] era o retrato de um estômago vazio [...]" (Lispector, 2009, p. 42)... ante à epifania de se descobrir na "casa" de-si um lugar oculto, habitado por silêncios ou vozes mudas de tão altas, amontoadas nas ausências e sujidades impacientes por organização e modificação. Com esse propósito, G.H. "abre" a porta e se mistura à "escuridão" absurda do lugar. Em seguida, prepara-se para "desobstruir" a fresta da janela que permitirá o ar fresco limpar o mofo do escuro de-si (Lispector, 2009). Em tudo, uma história comum a mim.

Enfim, no livro de título *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, escrito por Carolina Maria de Jesus e publicado pela primeira vez no ano de 1960, a autora, e também personagem em primeira pessoa, conta-nos do seu cotidiano de luta constante pela sobrevivência para si e para seus filhos em um Brasil profundamente estabelecido na obscena e histórica desigualdade socioeconômica. Carolina era uma mulher-preta-pobre-mãe-solteira-catadora-de-papel, nascida em Minas Gerais; interessada pelas letras, pôde frequentar a escola por apenas dois anos. Mudando-se para a cidade de São Paulo, viveu parte dos seus dias no miserável contexto do Canindé, antiga favela às margens da pujante metrópole; a morada dos pobres pretos, negros e mestiços "despejados" como lixo = gente marginal. Nesse sentido, o

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

“quarto dos despejos” é a própria favela que Carolina tinha o desgosto de residir, diz ela em um trecho: “[...] meu sonho era andar bem limpinha [...] residir numa casa confortável, mas não é possível. [...] Já habituei-me andar suja” (Jesus, 2014, p. 22). Era Carolina relegada à condição mais humilhante de ser uma mulher saída do borralho do lixo, o seu “quarto” – ela o “despejo”.

Assim, enquanto *gaynegro*, senti-me por muito tempo o “despejo” relegado ao “quarto” claustrofóbico. Viver, exigiu-me procurar uma saída deste *quarto*, abrir os portões daquela “habitação” murada a fim de encontrar a assunção de-si, ou melhor: encontrar o “interruptor” de luz. Acendê-la, deixando a luz explodir em (auto)aceitação.

O(S) TÉRMINO(S)

Por Negra da Roça

Em *O “quarto” dos despejos: gaynegro sitiado*, o segundo autor não sai timidamente como feixes de luzes pela fresta da janela, pelo contrário: gira a tramela[8], ao próprio convite, faz os “despejos”, caminha ao encontro de-si, pisando firme o solo interior em sentido partilhado com outras existências negras (des)afirmadas. É um *negrogay* que se constitui no “quarto”, expondo-se na extrapolação das quatro paredes através do seu relato contundente; reflexões amplamente encontradas na sua tese de doutorado, publicada, implicada com o abafadiço das experiências estigmatizantes (Souza, 2023).

Antonio José, descobre a necessidade de sair para “catar’ o que nunca tivera perdido. Ele faz isso por constatar que pode ser-quem-se-é, respirando livre. Une seu território poético e humano às linhas literárias de Dostoiévski (2000), Jean-Paul Sartre (2001), James Baldwin (2018), Adolfo Caminha (2005), Clarice Lispector (2009) e, especialmente, Carolina Maria de Jesus (2007) que melhor entende o território das diferenças e oferta o feminino-negro habitante em-si e em-nós. A ideia de narrar o vivido no “quarto” entre os “despejos” é um impulso inspirado na escrita literária, contemporânea e vivificada de Carolina de Jesus. Diria que o ápice do texto de Antonio é o entrelace de palavras reconhecidas no pessoal com repercussões coletivas à luz da concreta experiência da interioridade e dos sentidos em comunhão.

Antonio José, explicita os contextos existenciais por memórias e vivências ambientadas no mergulho em águas próprias do conhecimento e aceitação de-si. Ele não está isento dos elementos da realidade social, histórica, racial e psíquica e, por isso, é um

[8] Peça de madeira que faz a função de chave, gira para o lado esquerdo-e-direito, funcionando apenas pelo interior do ambiente, ou seja, permite a abertura, sem que se precise de autorização.

ISSN: 2594-4754 | DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

integrante do “quarto” dos “despejos” tal o de Carolina Maria de Jesus... em assunção, ‘destramelando’ as portas do quarto de-si-mesmo para o mundo em expansão afirmada.

Por Negrogay

O encontro de Ana Maria Anunciação com Carolina Maria de Jesus, deu-se, sem sombra de dúvida, no lugar da Literatura Fantástica, porque ambientada no imaginário narrativo. Mas nem por isso sem um lugar, sem eventos ou pessoas do mundo real. No imaginário, pois Carolina de Jesus faleceu nos anos 1970 e, portanto, um encontro póstumo, mas vivo e pulsante como só a palavra escrita pode proporcionar.

Carolina de Jesus, apesar de morta, vive na existência da sua literatura absurdamente atual, realística e, nessa existência, que Ana Maria viveu/vive as reuniões e conversações além-fronteira-temporal. Aqui, Ana, ressuscita Carolina de Jesus em três atos memorialísticos disruptivos e descompromissados com o rigor estanque da narrativa cronológica (início → meio → fim = narrativa-clássica), a saber: a infância na roça – “catando” a subsistência; a mocidade de uma mulher-negra-da-roça – “catando” a afirmação de-si-mesma e a intelectualidade da mulher-negra-da-roça – “catando” reflexões sobre a existencialidade situada no mundo.

O que se vê é uma contação implicada na pessoa que, tendo acesso à sua própria consciência, fala-nos do seu mundo interior, oscilando entre passagens reais e imaginadas no indo-e-vindo do passado ↔ presente ↔ passado = enredo-psicológico-realista (Souza, 2023).

Definitivamente, duas existências femininas amalgamadas em um texto-diálogo no qual a ausência da cronologia em nada prejudica, pelo contrário, possibilita, pela quebra dos limites da realidade, que o inexplicável (morta ↔ viva = reunião) possa, enfim, acontecer para expor questões raciais não superadas pelas mulheres do passado-presente e daquelas viventes em um tempo futuro-no-presente da narração de-si (Souza, 2023).

REFERÊNCIAS

BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Vanderley Geraldi. 1. ed. 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MENEZES, Hélio. James Baldwin e os desafios da (des)classificação. *In*: BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 211-221.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2012.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica; atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, v. 24, n. 1, 2017, p. 214-241. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2017.113972. Acesso em: 11 jun. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Tradução de CEFET. São Paulo: CEFET/Produção Artística, 2001. Disponível em: https://oficinadeteatro.com/conteudotextos-pecas-etc/pecas-de-teatro/viewdownload/5-pecas-diversas/128-entre-quatro-paredes. Acesso em 10 fev. 2022.

SILVA, Ana Maria Anunciação da. Narrativas e existências negras na roça: entrelaçamentos da vida na formação docente. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação – Campus XIV. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade. Conceição do Coité, 2023.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de; JESUS, Rosane Meire Vieira de. Sentidos e Costuras de uma Mulher negra da Roça. **Revista Macambira** [*S.l*], v. 6, n, p. 1-13, 2022. Disponível em: https://revista.lapprudes.net/index.phd/RM/article/view/723. Acesso em: 17 ago. 2024.

SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira**: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: CRV, 2018.

SOUZA, Antonio José de. Vergonha da própria existência (sim, eu tive). **Revista Memórias LGBT+Kilombola**, ed. 13, ano 8, 1º semestre de 2021. ISSN 2318-6275, p. 71-74. Disponível em: https://www.calameo.com/read/001105595e0b20266cf55. Acesso em: 03 dez. 2023.

SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se negrogay:** a história de vida de um homem-professor situado e "sitiado". Curitiba: CRV, 2023.

TÓIBÍN, Colm. Introdução. *In*: BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 11-24.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 30/06/2024 **Aceito em**: 19/08/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 06/30/2024 **Accepted in**: 08/19/2024 **Published on**: 09/30/2024
Contribuições de Autoria *Resumo*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Introdução*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Referencial teórico*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Análise de dados*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Conclusão*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Referências*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Revisão do manuscrito*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Aprovação da versão final publicada*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza	**Author Contributions** *Abstract/Resumen*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Introduction*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Theoretical reference*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Data analysis*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Conclusion*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *References*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Manuscript review*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza *Approval of the final published version*: Ana Maria Anunciação da Silva, Antonio José de Souza
Conflitos de Interesse Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT DA SILVA, Ana Maria Anunciação; DE SOUZA, Antonio José. O "quarto" de Carolina Maria de Jesus: encontros e existências negras (des)afirmadas. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081032, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425	**How to cite this article - ABNT** DA SILVA, Ana Maria Anunciação; DE SOUZA, Antonio José. O "quarto" de Carolina Maria de Jesus: encontros e existências negras (des)afirmadas. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081032, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1425

Licença de Uso	Use license
A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.